

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empresa do jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço *Illustração* Pórcucema—Lima

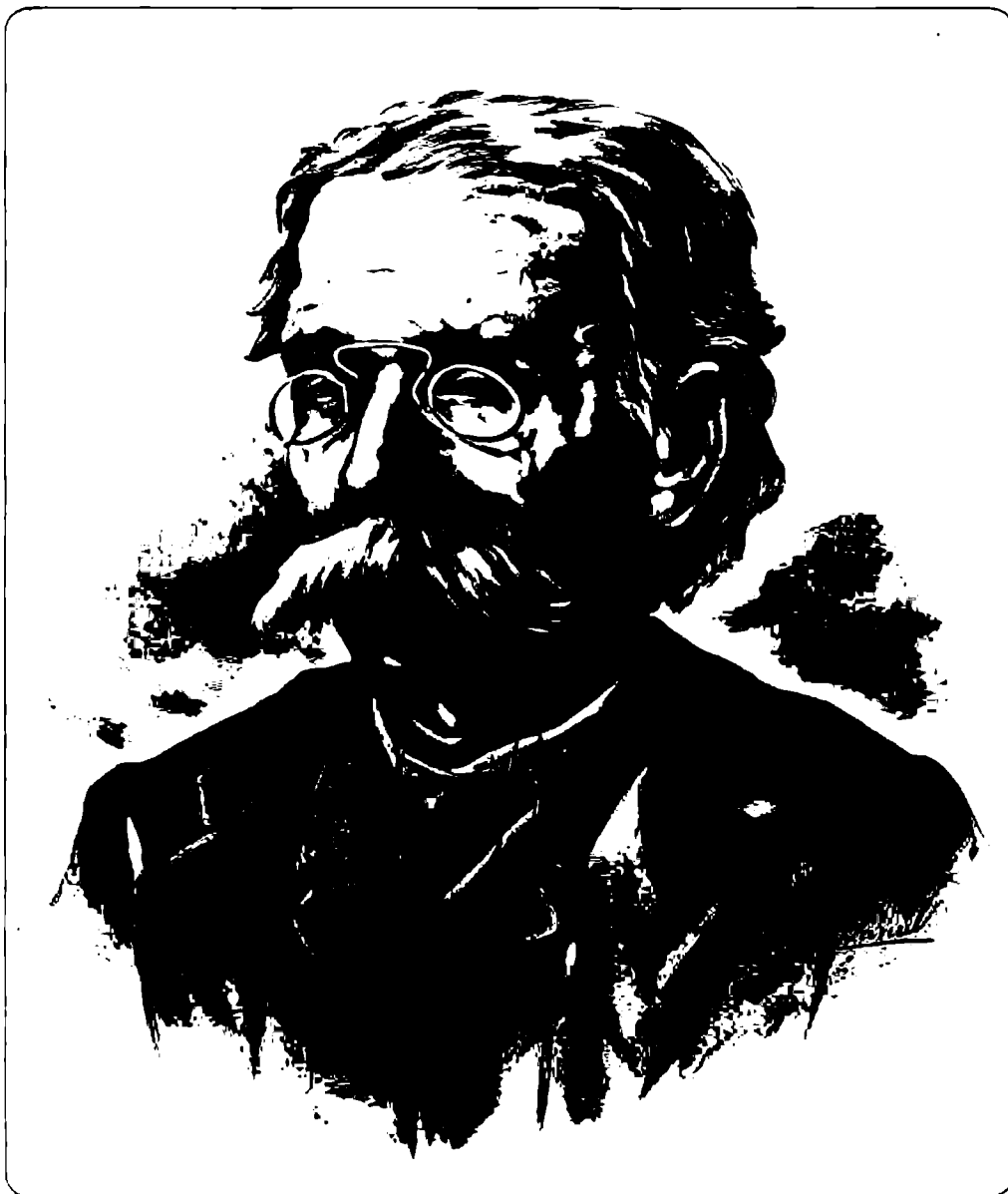
PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographia, stercotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 48—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 11 DE JULHO DE 1904

NÚMERO 36



CAMILLO CASTELLO BRANCO DE CORREIA BOTELHO

Foi o grande mestre do romance em Portugal, espírito acutilante, cerebro privilegiado de aquella que encheu a litteratura de paginas magnificas onde o sentimento apparece espontaneo n'um estilo coracoso, n'uma encantadora forma. Arrebatava e fusta brotar lagrimas ao ler mais avesso a sentimentalidade, chegava bem fundo aos coracões, e a sua carreira foi uma ininterrupta serie de triumphos desde a publicação do seu primeiro livro ate ao momento em que pos termo a existencia com um tiro de revolver. Escreveu entre outros romances de verdadeiro successo os seguintes:

Um homem de brinca, Onde está a felicidade, Memorias do velho mestre do Amarel, Senhor do Para de Nomes, o Esquecido, os Brilhantes do Brazil, o Brazil de Prazeres, o Jader, Amor de Perdido, Memorias da Carreira, Valentes de Lima, A Via Verde, Amor de Salvação, Exochord, e o Carro, e ainda mais de duzentos volumes que ainda hoje se leem com uma admiração

certeira por esse descriptor singular cuja obra é a mais monumental da litteratura portugueza dos ultimos seculos.

Camillo teve uma vida tormentosa, marcada talvez do seu felleo original, dos seus nervos extra-normaes, da sua altiva necessidade de viver sem se curtar.

Durante quarenta annos succedou-se de sua penna, o que em Portugal chega a parecer extraordinario, e em 1 de julho de 1900 suicidou-se na sua casa de 8, Miguel de Beide deixando vago o lugar que ninguém podia atrevido preencher.

Verdadeiro domador da lingua na accepção da palavra, Camillo Castello Branco ficou para a posteridade como Hesculano e Garret.

Nasceu em O. B. a 18 de março de 1825 a ora Rho de Manuel Joaquim Botelho Castello Branco e de D. Rosa d'Almeida do Espirito Santo.

CHRONICA

Camillo

Fez agora onze annos que o cadáver de Camillo Castello Branco, passou nas ruas do Porto dentro d'uma soga de quarta ordem, esfolhada por seis gatos pingados e seguida apenas pelo trem do cangaço lheiro, n'um enterro mesquinho de paria que a custo escapasse a valia.

E lembra um romance do proprio Camillo, com as suas dores e as suas scenas piarrescas, com as suas amarguras e com as suas chalagas, com o seu inicio de tragedia e o seu final de catastrophe, essa vida do grande romancista que envelheceu a amar e por consequencia a sofrer, fazendo chorar o publico com os seus livros, como se os escrevesse com a penna molhada n'um canal de lagrimas.

Camillo é o prototypo do homem de letras de talento em Portugal quando não se enfeita com a gargalheira de litterato offendi e não enverga os seus livros na capta da ordem; e é tambem o prototypo do romancista vivendo a existencia dos seus heroes, saltando por sobre os preconceitos, amando como um louco, padecendo como um condemnado, com muito de cavalheiresco e de usado, com muito de bardo e de aventureiro.

Elle veio d'uma familia d'infelizes, nasceu com um mau fado e com genio, foi diabolico na moridade, refallou o coração a amar pelas brejeiras da sua Sarmadon, como um pastor idyllico que os annos foram a desilludir, ao ver morrer um dos seus apaixonados e ao ver outra esquecida para casar com um boiote. Da primeira guardou a caveira exhumada romanticamente pela meia noite na egre-



A PARTIDA DO CONTINGENTE DE MOÇAMBIQUE. A PASSAGEM NA CALADA DO MARQUEZ D'ABRANTES



A PARTIDA DO CONTINGENTE DE MOÇAMBIQUE. UM GRUPO DOS SOLDADOS DO CAVALARIJA

jinha rural, da segunda guardou a recordação do que com o consorcio engordara.

Pochando por montes e vales, a deixarse prender por novos laços, Camillo subjugou as mulheres com o seu talento, ensinou n'um momento de paixão e vai vagamundeando de seguida, fugido a um sagrao doutor d'ablen, hospedase n'uma agnia furtada do Porto e lá do alto com a sua miseria e com a sua botija de tinta atira a liza á cidade, que atráa tanto com os seus livros como com as suas diabrurnas.

Por horas tardas, quando ia descançar a cabeça no travessoiro, penitenciava-o e queria uma vida sã, sem excitções e sem dividas, mas logo se deixava prender n'umas tranças lindas ou nas garras dos editores aos quaes dizia em dias de apuro:

Sim. Tenho um livro. Sabendo enredo...

E passava o recibo, narrando o entroscho, que lhe chegava de perto, de prompto, e que d'ahi a um mez formava a obra posta á venda de seguida, para enriquecer os outros.

Voltem os annos, vem-lhe uma sede de recolhimento, isola-se, onha em ser padre ainda romanticamente, porque no seu peito vive um amor impassivel, um affeto sem igual, a paixão que o leva a cada um apos o primeiro beijo dado n'essa mulher tão ostensivelmente amada.

N'um carcere escreve o *Anjo de Perdicao*, emquanto Anna Placido, que deixára marido e lar por elle, escreve n'uma cella visinho a *La z couda pot ferus*. Continua então a vida desmarchar vaidades, a castigar crentos, a malhar a linguagem rija das chronicas, para fazer com ella essas encantadoras paginas dos romances, sem pedestal e sem ganho pío.

Trabalhava febrilmente noite e dia, engastava joias na historia litteraria, entregavase á lucta e assim ia morrendo aos poucos, entre um filho louco e uma livraria vasta, ralhado de saudades, sentindo-se glorificado e pobre, sentindo tambem que lhe fugia a luz dos olhos e que jamais poderia ver as casinhas claras do Canthal, as agrestes bronhas transmontanas, os prados verdes e os barões grotescos, as figuras flagrantas dos seus livros e as aves voando pelos ares e os pontos lindos que descrevia como ninguém, e as agnias onde se balouçavam os barões, e a amante, aquella mulher querida, e os filhos, mesmo o louco e que elle tanto amava.

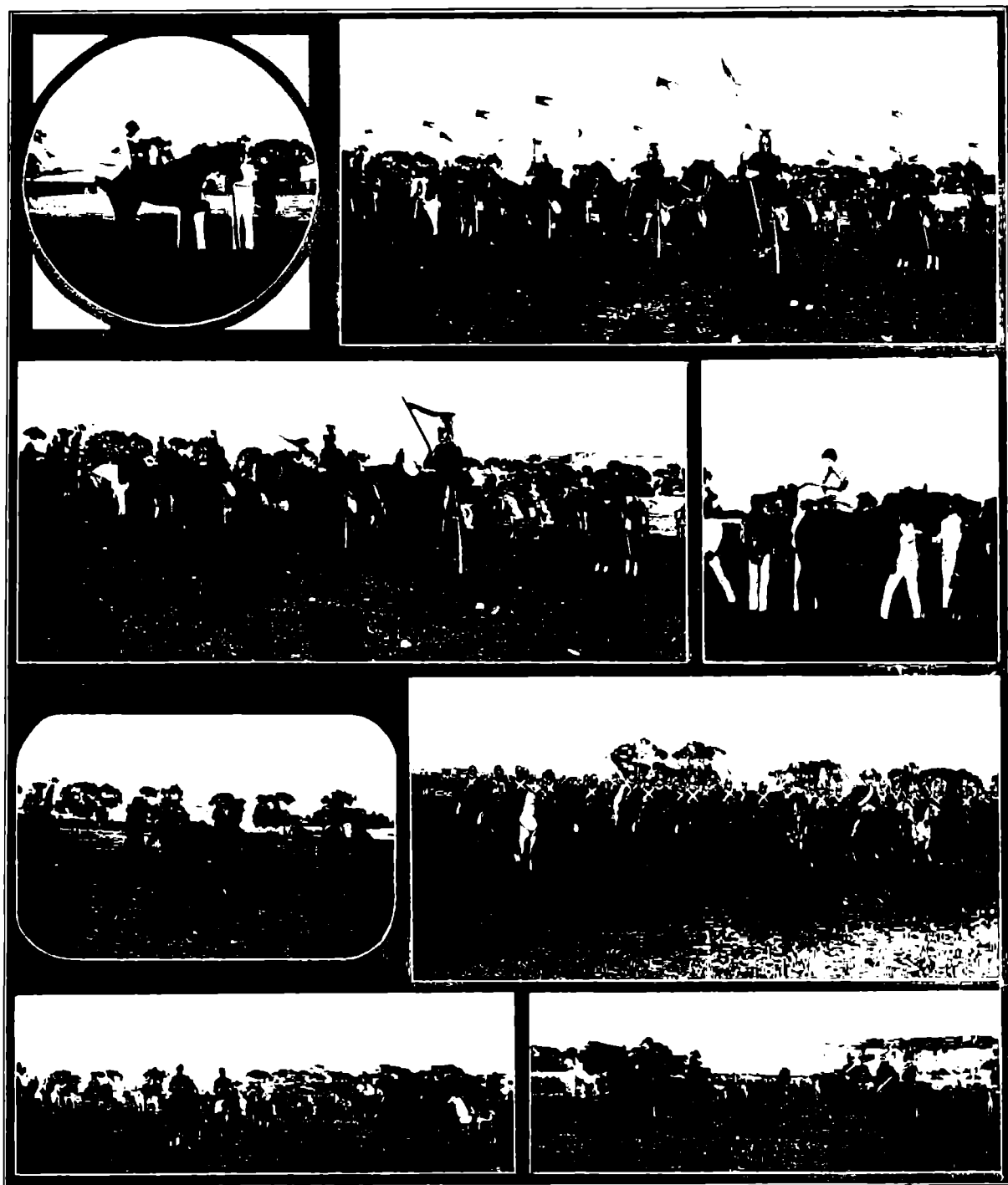
Então, n'uma tarde, tomou uma arma e desfez chona contra si e cabiu como uma arvore gigantesca que ao desabar abre uma clareira na floresta, a qual levava seculos para se preencher com outra tão soberba e tão gloriosa.

E fez agora onze annos que esse grande morto passou n'um caixão para o cemiterio e que lá ficou esquecido para vergonha nossa, que já deviamos ter pegu na n'essa esquife para o levar até ao Pantheon, que já deviamos ter pedido a um municipio uns palmos de qualquer rua para erguer uma estatua a esse rego que tanta luz nos deu.

ROCHA MARTINS.



A PARTIDA DO CONTINGENTE DE MOÇAMBIQUE. OS VELHINHOS EM FRENTE DO QUARTEL DA JUNQUEIRA



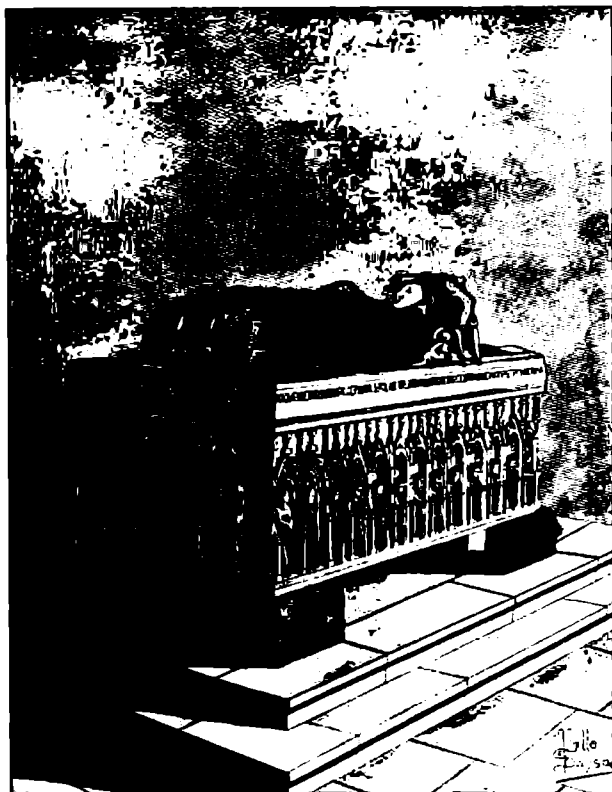
A REVISTA DA BRIGADA DE CAVALARIA NO HIPÓDROMO

VOLTO A CAVALLO—ESCRITA DE LANCADOUR DE COUTO—CARA EM CORRAGEADORES—TAPADO DE VOLTA—COMO A P. MACHA PELA A CARA EM LIMA
A REVISTA ANTES DO EXERCÍCIO—O SR. GENERAL DONATO DE MENDONÇA ASSISTINDO A CONTINUAÇÃO FINAL

Terminam-se os exercícios de cavalaria que desde há muito não se realizavam. O sr. general comandante da divisão assiste às manobras, que foram cheias de interesse. Os regimentos de cavalaria 1.º e de lanceiros 2.º formaram no sul do campo e de seguida desfilaram em continuação diante do sr. general.

Foi d'um bellissimo effecto a galopada dos esquadrões; as bandieiras dos lanceiros estavam bem brilhavam as espadas aos últimos reflexos do sol da tarde e um fronteo material portava os assistentes. O 1.º esquadrão de lanceiros fez o maneo de lança e o 2.º esquadrão de cavallaria executou o jogo de espada enquanto o 3.º esquadrão de lanceiros e 2.º de cavallaria 1.º formavam bi-ranços.

Outros esquadrões apartados se formaram em linha de alacores e com os alacores e com os alacores, perseguindo-se por um espaço de tempo, a uma velocidade prompta, saltaram para as selas e foram-se de uma admirável galopada pelo campo fora. Os soldados estavam ex-lados, en-tusiasmados pelo galopar, dando o effecto completo d'um combate com o cheiro da pólvora e o lido das armas. Nessa hora de tarde que decubia, houve depois exercicio de voltas. Terminou a revista por duas brillantes cargas em linha, cessando depois as tropas a desfilarem pelo hippodromo. Um rabo de cavallaria com do cavallo, muitos se gritos, as cortinas e os regimentos continuaram na sua galopada, tocando as nuvens de pólvora com as lanças em riste, para voltarem de novo quasi a puzerem em continuação ao sr. general da divisão.



O PRIMITIVO TUMULO DA RAINHA SANTA ISABEL, EM SANTA CLARA DE COIMBRA

Desenho do sr. dr. Valle e Sousa expressamente feito para a ILLUSTRACAO PORTUGUEZA

Diz a lenda que a rainha Santa transformava o pão em flores e que com os seus dedinhos breves e cor de rosa mitigava as dores e saara as enfermidades.

É certo que a sua bondade foi infinita, que de corpo e alma se dedicou a remediar os infelizes na terra, já servindo os pobres, já chamando os ricos ao caminho da caridade, já obrigando a sua própria família a paz que aconselhava aos outros; e foi assim que ella de hoje aos pés do filho, revellado contra seu proprio paiz, D. João, os obriga a abraçarem-se, a esquecerem.

Rainha santa lhe chamou o portão e a igreja dentro em pouco a reconstruiu, ficando o seu corpo a repousar na igreja de Santa Clara de Coimbra, num tumulo que ella mandara fazer. O mosteiro de Santa Clara ficou na maragem esportada do Mondego e foi derrocado em parte pelas aguas que subiram. Então, em 1449, D. João IV mandou fazer no topo da colina outro tumulo da mesma luz raiada e o corpo da rainha santa foi trasladado para esse tumulo e metido num rico cofre de prata e cristal que ali se expõe ainda a veneração dos Reis.



GONÇALO ALVES MENDES

Falamos o nome de Alves Mendes, um dos mais insignes oradores sagrados portuguezes, e cuja sagrada fulgurante, lapidada, toda em expressões d'uma altíssima cultura de forma, com o templo dos Jacobinos, a faz o elogio do grande escriptor Alexandre Herculano. Amigo pessoal de Camillo, o mestre indolente do romance, morreu no mesmo mes em que ha onze annos aquelle sobrio romancista se suicidou.

Alves Mendes, arrebatava e seduzia pela phrase cuidada com trabalhos portentosos de labor, de delicadeza, condilhada com uma luxuvel arte, soberba de rythme, de imaginação de colorido.

Foi filho d'um modesto operario e nasceu em Penaforte a 19 d'outubro de 1828. Frequentou a Universidade e formouse no anno de 1852, tendo alcançado numerosos premios.

Commeo então a sua gloriosa carreira tendo feito outras monumentaes orações fúnebres as de Fontes Pereira de Melo e Herculano, pregando depois as requiem de Barros Gomes e por successão as fúnebres dos principes de Asy no mosteiro da Batalha.

Foi tambem um brilhante escriptor, deixando entre outras obras a *Urgem a Italia*, os *Mensagens*, etc.

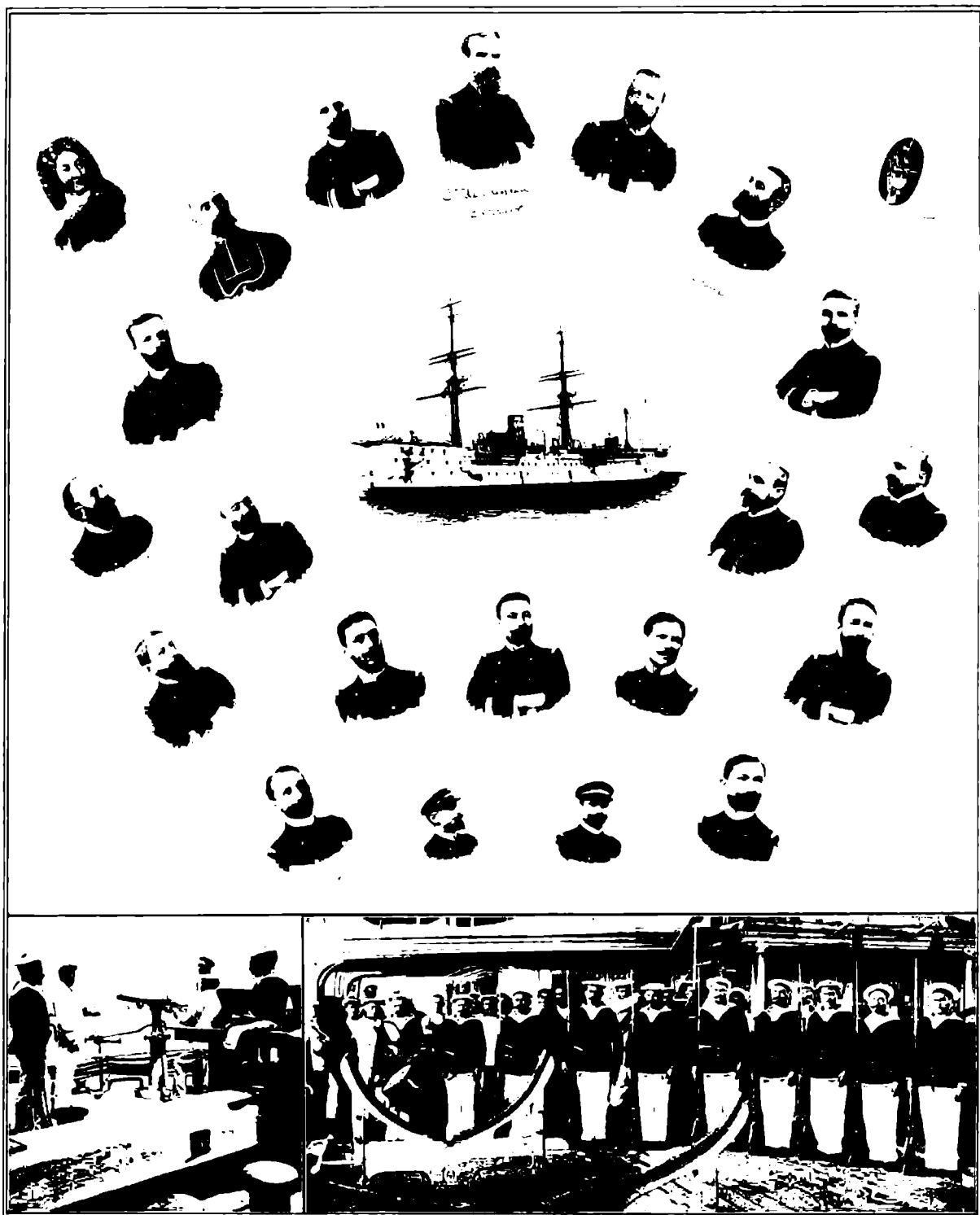


A GUERRA RUSSO-JAPONESA

Russopatrias acham de ser rudemente acclamados em Liao Yang onde foi combater a posição e passar uma revista às tropas ali aquarteladas, que o victorioso dell'entramente. De seguida o general fugiu de novo lugar ao combate especial que o combatera a Liao Yang, tendo sido por

O GENERAL RUSSO KUROPATKINE EM LIAO YANG

seguir uma proclamação do que fez distribuir pelos commandantes dos regimentos e a qual recommenda firmeza às tropas russas.



O NAVIO ESCOLA FRANCÊZ DUGUAY-TROUIN

A OFFICIALDADE DO NAVIO—OS PREPARATIVOS PARA AS SALVAS—A GUARDA DE BORDO

Duguay-Trouin foi primeiro um corsário e depois um marilheiro francês que viveu no reinado de Luís XIV. Morreu quando estava em 1736 e a França recebeu o navio e seu nome ao marinhão navio escola que veio ao Tejo numa viagem de instrução de guardas marinhas e que trouxe com ele a filha Wight e d'ali a Brest. É seu comandante o capitão de mar e guerra mr. Berthier. O navio foi construído em 1874 e o seu nome primitivo era *Faustin*, por ser destinado ao serviço de

tre a França e a África. Nesta viagem d'instrução vem os guardas marinhas que, tendo acabado o seu curso, vão para a França, depois dos estudos na Escola Naval, vão servir em diferentes navios em estações nas colónias. Nesta festa foram realizados os seguintes actos: homenagem aos navios oficiais franceses na legação de França, ao qual assistiram, além do comandante do Duguay-Trouin e medico de bordo, quasi todos os guardas marinhas.

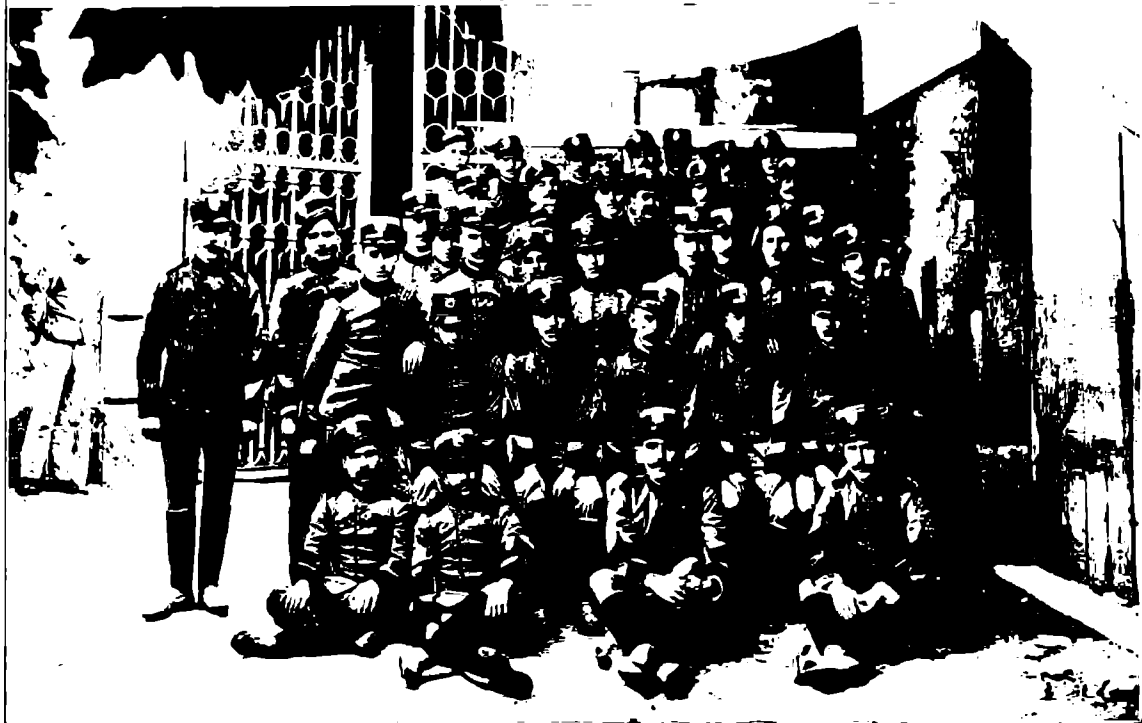


A PARTIDA DO CONTINGENTE DE MOCAMBIQUE: O SR. MINISTRO DA MARINHA ASSISTINDO AO EMBARQUE DAS FORÇAS NA PONTE DO ARSENAL.

Partiram, bem aлегres os soldados que embarcaram no *Zaire* com destino a Moçambique. Subiram as vergas, acobertou a tolda do paquete, soltaram-se e despediram-se da pátria depois de se terem despedido das famílias. O sr. ministro da marinha assistiu a partida das forças e teve palavras de êlogio para os militares que, de certos entusiasmados, andavam os seus superiores. Muitos, dobrando as

bandeiras, disseram, em adeus às pessoas queridas que tinham sido a despedir os outros postando-se à porta e n'uma alegria alegre despediram-se para deixar em Portugal. Estava muita gente na ponte do Arsenal, trocavam-se os últimos abraços, a banda de canções, e tocava o hymno da Esquadra o *Zaire*, pelas 2 horas da tarde. Levantava-se o

destino das forças, vieram a aquilão com os acenando com as bandeirolas, com respeito aos seus e ao seu o paquete se foi levando ao largo chegando ainda a porto o voo dos expedicionários. E assim, com uma alegria estonteante, os nossos soldados deixaram a pátria para ir servir nas colónias onde com glória continuaram a honrar o nome português, mostrando o seu brío e o seu valor.



A PARTIDA DO CONTINGENTE DE MOCIMIGUE EM 1 DE JULHO
 OS OFICIAES DO CONTINGENTE OS SAPO-ENHOS OS MUNGENG

Os guardas do Larroum em Louisa tinham saluado pelas tripulantes, a manada as fôrmas, no effeito de 400 garças, que se apresentaram a portua de Morabouk. Pôrta-se a desfilada do barão e, os soldados andavam algemados e com a mão para o ar, alguns faziam ainda compras. As condições saluavam-se que estavam em frente do quartel e todos se emstravam para despojar para cada fôrma através dos muros.

Surpreendiam-se aqueles de convexas e natas ao que aqueles homens, na esperança d um futuro melhor, não porque tinham sido prometidos, outros porque esperavam trazer d'Africa a guerra economica com que se recobressem depois de suas terras, ao levarem a caudale levavam tambem o contentamento.

[illegible]

Assim, depois de entrarmos no Alentejo, pela primeira vez, a grande bandeira do povo e do movimento revolucionário, a bandeira da liberdade e da justiça, foi hasteada no céu da nossa pátria.



A GUERRA RUSSO-JAPONESA — A BATALHA DE HAEPING

Haeping é uma praça forte, que, segundo noticiam os telegrammas, acaba de ser tomada pelos japoneses.
Durante dois meses se fez um assédio tanto em ordem que chega a lembrar a tactica alemã quando foi da guerra franco-prussiana. Nôda cabia do mesmo modo em poder dos aliaes.

o general japonês, formando as suas tropas em grandes massas e collocando-as aos quatro pontos cardinaes do cinto, obrigou-as a avançar com precipitação, seponimento, mathematicamente, em quanto os russos viam a manobra, e sentiram-se impotentes para fazer paiz essas legiões, que, como uma fatalidade, ramalharam para elles a mesma a derrota. E' verdade que tinham menos gente e

ainda assim tentaram atacar os assaltantes, conseguindo apenas travar escaramuças com as avançadas: porém os corpos d'exercito viam em columnas cerradas a fazerem um mole cerrado cerro, obrigando por fim o inimigo a batalha, na qual deviam ser bem mais numerosas tanto gosa.

E assim aconteceu porque a cavallaria russa foi destruida, a artilharia pouco pôde fazer diante das posições dos japoneses e por fim a praça foi tomada ficando prisioneira a sua guarnição. A excepção de tres officiaes, que ficaram salvas as milhas para não serem obrigados a entregar as suas espadas aos japoneses.



O NOVO JULGAMENTO DO EX-CABO 115 DA GUARDA MUNICIPAL QUE ASSASSINOOU DOIS OFFICIAES

(Troquis tirados na audiência)

O PROMOTOR DE NÚCLICA SÓ, TEXEIRA, COMODIN, JOÃO PEDRO DA DE VASCONCELOS

Foi julgado, no Supremo Tribunal de Justiça Militar, o ex-colega 115 da guarda municipal que participou na infantaria 2.ª em 25 de 7.529 da 3.ª companhia do 3.º batalhão de praças, nas circunstâncias seguintes: «Crime: todos os seus negócios, sobre saíam durante muito tempo a opinião pública. O réu vicia da Estrela prestar de clarções, ao Nefito e desta redigida de ora os apedidos de ora com o mesmo e os traídos que estão ainda a memória de todos. O advogado de defesa do réu foi o sr. dr. Lourenço de Freitas que não o pudera de-fender quando do julgamento no 1.ª instância, em virtude de ter chegado muito tarde do que a hora marcada para a

constituição do tribunal. Tratava-se agora de ver se o processo devia de novo ir para a primeira instância. O tribunal pronunciou-se pela confirmação da sentença depois de ouvir os advogados do réu e do autor da ação. O juiz desembargador Vasco Mendes, e do advogado do réu, sr. Dr. Lomelino da Freitas. A audiência durou umas três horas e o réu recebeu em Castello d. S. Jorge, deixando-se brevemente exaustado. Quando n. 112 entre dois soldados de guarda havia saída da sala, chorando depressamente, pediu para falar ao seu advogado. Ao vê-lo, disse-lhe que não tremia, tudo angustiado: «Sr. doutor, ou bem sei que sou um criminoso mas não me

ruína tanto castigo. Estou desgraçado para sempre e agora já ninguém me pode ajudar.

O sr. dr. Lourelino de Freitas, visivelmente comovido, voltou simplesmente: Eu fiz o que pude!

E entre as duas bayonetas desceu a escadaria do tribunal para tomar lugar no carro celular. E assim foi o final d'essa tragedia que alvoreceu o pala d'um extremo no outro.



POR UM RELEVANDO PIR DO SOL, VIMOS SAIR DO MAR AS CUPULAS E OS MINARETES DE ALEXANDRIA

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Estávamos toda a noite com os bons monges no convento de Ramleh, e de manhã levantámo-nos e fomos a galope a distancia que vai d'aqui a Jaffa, porque a planície era tão igual como um sobrado, como pedras, e foi esta a nossa ultima jornada na Terra Santa. Decorridas essas duas ou tres horas, nós e os nossos cavallos cansados pudemos repousar e dormir a vontade. Foi d'esta planície que falou Jesus, quando disse: «Sed, deitai-vos sobre vossos lhos, para sobre o valle de Ajalon». Quando nos approximavamos de Jaffa, os cavallos piceiram as cavalzaduras, e entrogaram-se a excitação de uma verdadeira corrida — esporto que raras vezes tinhamos tido depois de outra corrida semelhante em jumentos ou lhas dos Açores.

Aqui viveu outr'ora Simão o Curtidor. Fomos a casa d'elle. Todos os peregrinos visitaram a casa de Simão o Curtidor.

Chegámos, finalmente, ao bello bosque de laranjeiras em que está submersa Jaffa; passámos os seus muros, percorremos ruas estreitas por entre enxames de andaluzes animados, e vimos outras ruas e succederam-se outras casas, com que ostentamos familiarizados. Apeço-nos pela ultima vez, o lá no longe, ancorado, enxergamos o mar! Ha ali um ponto de admiração, porque o sentimento quando vimos o mar. A longa peregrinação estava terminada, e em certa maneira nos sentiamos contentes com isso. E assim devíamos estar, porque a não fomos com o proposito de percorrer os nossos alhos com os quadros fascinantes da natureza, e n'esse caso teríamos tido um desengano — pelo menos n'esta estação. Na *Vida na Terra Santa* observa um escriptor:

«Monotona e pouco convidativa como grande parte da Terra Santa parece-a a pessoa acostumada a quasi constante verdura das florestas, a amplos rios e a variada superficie da nossa patria, devemos lembrar-nos de que o seu aspecto devia ter sido muito diverso para os israelitas depois da marcha extenuante de quarenta annos pelo deserto.»

O que nós todos livremente garantimos. Mas em vez de ser monotona e pouco convidativa, o não ha razão sufficiente para a descrever da outra forma.

De todas as terras de triste paragem penso que a Pa-

lestina é a primeira. Montes escarpados, de côr feia, e de um fétido nada pittoresco. Vallões desertos, como nunca se viram, guardados por uma fraca vegetação, que exprime desanimo e tristeza. O Mar Morto e o Mar da Galileia dormem no meio de uma vasta extensão de montes e planícies em que a vista não apparece nenhuma côr agradável, nenhum objecto notavel, nenhum suave paeizal que parece acallar o coração e nos purpura em pado das sombras dos riuys.

Contudo, pequenos fragmentos ou pedacos d'ella devem ser muito bellos no pleno desabrochar da primavera, e tanto mais bellos pelo contraste com a extensão asolada que os cerca de todos costados. Gostaria eu muito de ver as margens de Jordão na primavera, e Si- queim, Esdrelon, Ajalon, e as orlas da Galileia — mas ainda nullo desses lugares me haviam de parecer simples jardins de brinquedo collocados a grandes intervallos na deserta amplitude sem limites.

A Palastina cobre-se de burel e de cinzas. Sobre ella passa um vento de maldição, que secca os seus campos e abate a sua força. Onde Sodoma e Gomorra levantaram outr'ora as suas cupulas e as suas torres, humida agora a planície esse mar azovero, em cujas aguas amargas não existe nenhuma creatura viva — sobre cuja superficie aliada paira immovel e morto o ar que queima.

Em torno de cujas margens se crescem herbas paradisicas, e espalhados feixes de cinzas, e esse fructo traço-covro que promette reflectar os labios ressequidos, e ao tacto se converte em cinzas. Nazareth está abandonada; proximo Jesso van do Jordão, por onde os hostes de Israel entraram na Terra da Promissão entoando cantos de alegria o que a gente encontra é um campo esqualido de phantasticos beduinos do deserto de Jorjé, a amaldiçoada, e uma ruina que se desfaiz aos pedaços, hoje, tal qual como o milagre de Jesus a deixou ha mais de seis mil annos: Belém e Bethania, na sua pobreza e humilhação, nada possuem actualmente que nos dê a lembrança grande honra da presença do Salvador; o lugar consagrado em que os pastores vigiavam os seus rebanhos de noite, e os anjos cantaram paz na terra aos homens de boa vontade, não é occupado por nenhum ser vivo, nem abençoado por qualquer traço agradável a vista. A mes-

ma, chamada Jerusalem, o nome mais augusto da historia, perdeu toda a sua antiga grandeza, e tornou-se em uma pobre aldeia; já lá não existem as riquezas de Babilonia para atrahirem a admiração das rufinas orientaes que a visitam; o maravilhoso templo, que foi o orgulho e a gloria de Israel, desapareceu, e o crescente musulmano está erguido sobre o sítio em que, no dia mais memoravel nos annos do mundo, elles attingiram a Cruz Santa. O tão Ilustre Mar da Galileia, onde as esquadras romanas outr'ora lançaram ferro, e os discipulos do Salvador andaram embarcados, ha muito que foi desamparado pelos apatimados da guerra e do commercio, e as suas praias são um deserto mudo; Capharnaum é uma ruina informe; Magdala um refugio de mendigos arabes. Bethsaiya e Corazin sumiram-se da superficie da terra e os lugares desertos que as cercam, onde milhares de pessoas oustaram a voz do Salvador, e esmeram do jáo milagreiro, dormem na paz de uma solidão, apenas povoada de aves de proza e de astuciosas rapozas.

A Palastina é arida e desamovível. E porque o não seria? Perventura a multidão da divindade pode habitar um paiz?

A Palastina já está fora d'este mundo de trabalho quotidiano. É consagrada a poesia e a tradição — a terra de sonho.

XXVI

Felicidade da sair outra vez ao mar. O que é em casa a um barco do recreio. A parte do mar, ao navio — O vestinhado de João. Conselho que nos deu a paz a des podida — Apposicionamento do Egypto. Em terra ou Alexandria — Mercedo cumprimento aos buiros — Invasão das tribas pastoras da America. Fim da celebre estadia de Jaffa — Aventura do Grande Talus — O hotel de Napoleão comparado com certo hotel americano — Preparando nos para as Permissões.

Valia um reino estar outra vez ao mar. Foi um allivio soffrir tanto e quicquer cindados — todas as perguntas para se saber onde iríamos; quanto tempo nos havíamos de demorar na viagem a pena ir ou não ir; todo o cuidado sobre o estado dos cavallos; perguntas como esta: Voltaremos *jamais* ao mar? Tomare-

mas alguma vez ainda *lanch*! — Ferguson, quantos milhares de milhas mais fomos engratidados debaixo d'este sol ardente antes de alcançarmos! — foi um alívio arremessar para muito longe todas essas atormentadoras pequenas aflições — eram cordas de aço, e todas tinham em si um modo de apertar diferente — a sentir o contínuo movimento — passagiro que provém de banir todo o cuidado e responsabilidade. Não olhamos para a bussola: agora não nos importava para onde o navio ia, contanto que portasse a terra de vista o mal depressa possível. Quando far viagem outra vez, quero ir n'um barco de rovelho. Por diâmetro nenhum durariam, em um navio, o estanho e entre costas desconhecidas, a perfeita satisfação e o sentimento de estar em casa outra vez, que experimentamos quando passamos o pé a bordo do *Quaker City* — o nosso próprio navio — depois d'alta fastidiosa peregrinação. E alguma coisa que sentimos sempre que voltamos para bordo, e que não tínhamos vontade nenhuma de vender.

Despomos as camisolas de lã azul, tiramos as espumas e as pendas brancas, os nossos revólveres angustiaros e as nossas calças com assentos de pelle de gamo, barbados — e vestimo-nos outra vez com trajes de christãos. Todas, menos João, que mudou todas as roupas, excepto as suas calças de viagem, conservavam ainda intacto o seu antigo assento de pelle de gamo; de maneira que o seu curto jaquetão de cor de orvilha e as suas compridas pernas delgadas concorriam para fazer d'elle mais objecto de riso, quando estava no castiello da prua a contemplar o oceano por cima da prua. Nessas occasiões vinhamos a lembrança d'a derradeira recomendação do pai d'elle. Dizia assim:

— João, meu filho, em breve estarás com uma brilhante roda de cavalheiros e damas, gente muito civilizada, e absolutamente condemnada nas maneiras e costumes da boa sociedade. Escuta a tua conversação, repara nos seus hábitos de vida e aprende! Não atencas o delicado com todos, a respeito as opiniões, os defeitos e prejuizos de todos. Conquista o justo respeito de todos os teus companheiros de viagem, ainda quando não possam mover a sua atenção amável. E, oh, João, nunca ouso, enquanto viveres, apresentar-te em publico, no convés, com bom tempo, com um traje improprio da sala de visitas de tua casa!

Pois era como que valia dinheiro ao o pai d'este mancebo esperanças pudesse estar um instante a bordo, e ver o filho de pé na cima do castiello da prua, com a rubana de cor de orvilha, e a fax encarnada com borla, o assento de pelle de gamo e tudo o mais — contemplando serenamente o oceano — raro espectáculo para a sala de visitas de qualquer pessoa.

Depois de uma agradável viagem e de um bello descanço aproximámo-nos do Egypto e por um subscilum por do sol vimos sair da mar as cupulas e os minaretes de Alexandria. Apenas se lançou forro ao e João saltamos para um escalão e fomos para terra. Lá era tudo, e os outros passageiros pareciam ficar a bordo a visitar o antigo Egypto depois d'isso. Tinham feito o mesmo em Constantinopla. Tomaram um vivo interesse pelos palcos novos, mas a sua impaciencia de espasmo da secula tinha-se desapparecido, e haviam aprendido a levar as coisas de boa feição e a passar commodamente — essas vellos palcos não desaparecem de noite; ainda lá hão de estar depois do almoo.

No caso encontramos um exercito de rapazes egypcios com burros, não maiores que elles, a sapora da massagem — porque os burros são os cavallos do Egypto. Preferimos ir a pé, mas não accorriamnos ao caminho. Os rapazes acclamavam ao seu fregão do rei, e impelliam os burros exultantemente para diante do nosso caminho, fosse lá para onde fossemos. Eram uns patifos bem intencionados, e o mesmo eram os burros. Montámos, e os rapazes a correr atrás de nós mantinham os burros n'um galope furioso, como é moda em Damasco.

Dámos com o hotel, tomámos quartos, e ficámos muito contentes quando soubeamos que o principe de Galles tinha ali estado. Por toda a parte se via o retrato d'elle. Nenhuns outros principes ali tinham pensado, até que João e eu chegásemos. Fomos passear pela cidade, e achámos que possuía incommensuráveis edifícios comerciais, e largas, formosas ruas, resplandecentes de luz do gaz. De noite era uma especie de recordação de Paris.

De manhã as tribuna perdidias da America vieram a terra, echeram os hotéis e tomaram posse de todos os burros e molos de transporte que appareceram. Foram n'um cortejo pittoresco no consulado americano; aos grandes jardins; da agulhas de Cleopatra; a columna do Pompeu; ao palacio do vice-rei do Egypto; aos soberbos bosquias de palmeiras. Um dos nossos mais afeitos caçadores de reliquias levava comigo o seu martello, e tentou quebrar um pedaço da agulha erecta e não pôde conseguilo; tentou derrubar uma, e nada fez; pediu a um pedreiro um pesado macho sem resultado nenhum. A columna de Pompeu também soube-

d'elle. Espalhadas em toda a volta do formidavel monolitho se viam esphinges de grave aspecto, esculpidas em granito egypcio ao fio como aço azul, e em salientes feições o volver de cinco mil annos não deixava signal. O caçador de reliquias doulhes com força e persistencia, e soon abundantemente na sua tarefa. Foi o mesmo que pretendir desfazer a lua. Ellas pareciam medir o acoreamento com o sorriso majestoso que por largo espaço temido, e que parecia dizer: «Esfalho, misero insecto; não fomas folias para ter medo de entes como tu; no dobrar de tantos annos fomos visto mais da tua especie do que ardeas tens aos pés; flecto d'ellos em n'um algum resgato!».

Tenho-me, porém, esquecido dos colonos de Jaffa. Em Jaffa recebemos a bordo uns quarenta membros de uma comunidade muito falada. Eram machos e fêmeas; crianças de pelle, rapazes e rapariguinhas; gente nova casada, e outros que tinham passado a primavera da vida. Refreio-me a colonia Adams de Jaffa. Outros haviam já desertado. Deixámos em Jaffa o sr. Adams, sua mulher e quinze desgraçados, que não sahiam para onde se voltar ou para onde ir. Assim nullo affirmaram. Os infelizes quarenta, que vieram comnosco, passaram delicias sobre o convés, com o enjoo do mar, toda a viagem. Todavia, um ou dois ainda se conservaram de pé, e a poder de muitas instancias nossas, sempre obtivemos algumas poucas informações. Foram-nos com diffiduldade e aos pedaços, porque, tendo sido embalsamados de modo vergonhoso pelo seu propheta, sentiam-se humilhados e malaventurados. Em tais circumstancias ninguém gosta de falar.

A colonia foi um completo fiasco. Já disse que os que não podiam da lá safar o faziam, do quando em quando. O propheta Adams — outro actor, depois varias outras cousas, ainda posteriormente Mormon o missiona-

sar de se ver livre de taes visionarios, e não estava nada disposto a incumbir algum de lica, levar para lá. Todavia, chegar ao Egypto sempre era alguma coisa aos olhos dos desventurados colonos, sem esperanca, como tudo parecia indicar, de poderem ir mais longe.

Foi n'esse estado que elles desbarcaram do nosso navio em Alexandria. Um dos passageiros informos-se com o consel geral do quanto custaria restituir essa gente aos seus laros no Melno, por via de Liverpool, e elle disse que mil e quinhentos dollars em ouro chegariam. O sr. B. deu um cheque para se haver o dinheiro, e assim acabaram os incommodos dos colonos de Jaffa.

Alexandria era denominada semelhante as cidades europeias para apresentar novidade, o por isso nos confundimos. Alguém os chamava, e vimos ali, até á antiga Cairo, que é uma cidade oriental, da mais perfeito typo. Há lá poucas cousas que fhem da cabeça de qualquer o erro em que estiver de se achar no coração da Asia. Desmoldados majestosos, fmeas egypcias, e egualmente turcos e negros ethiops, do turbante, de cinta, e deslumbrantes n'uma rica variedade de trajes orientaes de toda a casta de cores vivas, que a gente topa a cada canto nas ruas apinhadas e nos lazarecos que regorgitam do povo. Estamos alojados no «Hotel Shephard», o peor que ha no mundo, excepto um em que en estivesse uma vez n'uma pequena cidade dos Estados Unidos. Cansa delecto ler agora o seguinte esboço no meu livro de apontamentos, e saber que posso estar no «Hotel Shephard» de certo porque estive n'um exactamente igual na America... e recapito.

Estive em Benton House. Tinha fama de ser um bom hotel, mas isso não quer dizer nada. Lá por isso, ou tambem era um bom rapaz. Amlas não deixamos de o ser, ha annos. O Benton não é um bom hotel. Falla-lhe muita coisa para o ser.

«Estava a noite já muito adelantada quando lá entrei, e disse ao gerente que gostaria de ter muitas luzes, porque precisava de ler uma hora ou duas. Quando cheguei ao n.º 15 com o meu (passagem por uma sala escura, coberta por um tapete usado, gasto em muitas partes, e remendado com pedaços de oleado de vellos, o pavimento da sala dava de si debaixo dos pés, e rangia a cada passada) — elle acendeu uma luz — duas poligeadas de uma triste e pallida vela de sebo, que dava luz acalada, e espirritosa, mitigava o por fim se extinguia. O meu acendou de novo, e eu perguntei se era aquella a luz que o gerente tinha dado, ao que elle me respondeu: «Oh! não tenho aqui outra, e apresento um par de cacos da sala. Disculho en então: «Acendamos ambos, pelo que torer um ao lado do outro». Assim o fez, mas o resultado foi mais terrivel que as mesmas trevas. O moço era alegre e accomodado. Disculho que fôr furar um candilho fozo onde fosse. Incute-o e animo-nos em ser crismos designio. Senti o dono do hotel vir attento d'elle em sala dos minutos depois.

— Para onde vae com esse candilho?
— O 15 precisa d'elle.
— O 15? Pois não tem já duas velas — o homem quer por dentro illumina a casa?
— Ou vai fazer alguma precisão de fegacões?
— E porque é que elle está a pé?
— Não gosta das velas — diz que quer um candilho.

— Ora essa! Nunca ouvi semelhante coisa! Para que diabo precisa elle de um candilho?
— Diz que quer ler... é o que elle diz.
— Precisa ler? Pois não está satisfeito com mil velas, e quer ainda por cima um candilho? Levá-lhe outra vela, e então se...
— Mas tomas em que quer um candilho — diz que diabo fogo a casa, se não lhe derem um candilho (palavras que não profere).
— Vá lá, mas vá lá se descobres o fim para que elle quer o candilho.

— E lá se foi regozegando, sempre cheio de espanto pelo tumulto procedendo do n.º 15. O candilho era bom, mas revelou algumas cousas desagradaveis: uma cama nos sub-bios do deserto de um quarto — como com montes e valles e que tinha de accommodar o nosso corpo á forma que n'ella deixou o homem que ali dormiu a ultima vez, antes de a voz deitarse commoventemente um tapete que viria melhores dias, um lavatorio de alcatoleo n'um canto afastado, e um balde com o bico partido — um espelho collocado ao centro, que vos fazia a barba mais completa, e vos dava area de algum terrivel monstro incompleto; o papel calha aos pedaços das paredes.

«Soltei um suspiro e disse: «isto é encantador; e agora não me arranjas alguma coisa para eu ler?»



PATRO DAS VOLUNTARIAS

rio, sempre n'a aventura. Permanecemos em Jaffa com o seu destacamento de tristes subditos. Os quarenta que levámos comnosco eram fallos de melao, posto que não todos. Queriam ir para o Egypto. O que viria a ser d'ellos, não o sabiam, nem provavelmente se importa vam com isso — o ponto era deixar a aborrecida Jaffa. Pouco tinham a operar. Porque depois de muitos apellidos á sympathia da Nova Inglaterra fomos por extrangeiros de Boston, nos perdidicos, e depois de um belido um escriptorio para resolver as duvidas em dinheiro para os colonos de Jaffa, foi subscrito um dollar. O consel geral no Egypto mostraram um trecho do jornal que referia o caso, e mencionou tambem a consciencia das diligencias e o encerramento do escriptorio. Era evidente que a pratica Nova Inglaterra não tinha pa-



RUGENIA TRIGLIEROS

Com esta sequente deus se um facto que recorda aqual das luctas historicas de factos que che, raihas e protegem em doudinhos pedos pelo araso no seu castello. E' uma historia simples e commovente, com um salor todo de quartelada e de guerra. R. M. a catella a senhora D. Maria Pia, por occasião da festa da Immaculada no Jardim da Estrella, perdendo uma urdesca pulcra, recordação d'um affissimo valor, pois lhe fora offerecida por R. M. el rei o senhor D. Luita no dia dos seus sepposados. Enbolida em poucos dias a pulcra, para ser entregue á augusta archiva. Nas se occasiõ seguinte um velho guarda do jardim foi ao Paço d'Alfama entregar a R. M. a pulcra que a sua netilha Eugenia achava quando andava brincando na tarde da festa, onde fora aromanhada por uma irmã com ella residente em casa do seu tio o polleito e o sr. Joaquim Gregorio, senhora da lenda de marinheiros. R. M. recebeu o avô da Eugenia Triglarios, mandando vir o paço, offerecendo-lhe almocor por fim entre-gou-lhe um subscrito fechado que o pobre homem não quiz abrir, dizendo:

— Não, não se abra isto. É o meu dever. Fazer demais não foi no quem acho a pulcra, mas sim a minha netilha. No V. M. me quer fazer algum bem proteja antes a criança e eu (se agraçoso).

R. M. mandou que levassse a sequente ao paço e ao mesmo tempo obrigou o a abrir o subscrito que contiha 45000 reis, deliberando ao mesmo tempo levallas a criança, ao que cedeu ao Instituto D. Afonso, levando-a sob a sua real protecção. E dizem ainda que acabaram as boas fadas que são netilhas e protegem os doudinhos pedos pelo araso no seu castello.

DR. NIEVE DE MENEZES

(ACTUAL DIRECTOR DO HOSPITAL MILITAR DE LISBOA)

As referencias nos da nova n'esta publicação ao sr. dr. Nieve de Menezes, prestamos não só uma justa homenagem ao seu primoroso caracter e aos seus valiosos serviços em Africa e Lisboa, onde, entre outros melhoramentos feitos ao Hospital Militar que dirige, restaurou por completo a sua capella, com despendio algum a Fazenda, pelo que foi laureado em ordem regimental, mas ainda destruiu o lapso que se deu ao sr. M. da Illustração, com o que mais uma vez os congratulamos.



O CONTINGENTE DE MOZAMBIQUE NA PORTA DO QUARTEL DA JUNQUEIRA



SR. GENERAL MOHSEN SARBMENTO
Ex-director do Real Colégio Militar



ESCUPTOR THOMAS COSTA
Autor do monumento a Salazar

CHRONICA ELEGANTE

Entrámos na estação morta, no periodo *stagnante* e passando-lhe custoso de passar na capital. Todos pariam agnos, campos, praias, montanhas, tudo é preferivel á morbida atmosphora da cidade. Como é natural, as *toilettes* de viagem, de ex-cenário, de turismo, de sport são objecto do attento cuidado e resguardado apuro. O genero inglez é o que principalmente domina n'estos vesturculos, não só na escolha dos tecidos como nos foltios e em todos os doudinhos de objectos de viagem, mantos, malas, guarda-choy-chuvas, capas, chapas commodos e praticos, *necessaries*, etc.

Os vestidos de viagem em chevilles, *trades* e tecidos de fantasia quasi todos tem bolero ou *jaquette* curta, poeem o bolero é menos *réglé*, mais airoso e mais juvenil. O folho *tailleur* naturalmente adoptado não admittie muitas generações — mas o bolero forrado de seda branca ou crema abre-se para deixar apparecer uma *chemise* de lã, ganto, e o forro é enfeitado e bordado, dando assim á *toilette* um aspecto muito differente do que conservando-o fechado o abotoado.



FIGURA 1

O *tea gown* ou robe d'intérieur, até agora adoptado só em casa, como a palavra indica, também actualmente faz parte da bagagem das senhoras elegantes. Nas horas entre o passeio e a *toilette* para o jantar é delicioso este traço para uns instantes de repouso, de conversa amena com algumas amigas que vem ao chá das 5 horas. Por mais luxuoso e rico que seja, o *tea gown* commodo, *tesco*, agradável a tou portanto o seu lado pratico.

Esta feição pratica pareceu satisfazer a tudo e actualmente não são só os ingleses e os americanos que d'ella tem o privilegio. Chemos, a título de curiosidade, a installação de uma casa desmontavel apparecida ultimamente em Paris. Esta casinha minuscula e de aspecto encantador compoese de um unico compartimento. Posso, porém, o material necessario para uma cozinha, um quarto de cama, uma casa de janitor e um *buraco*. A contido do possuidor e carregando sobre várias rodas e alcapões, faz-se surgir a mobilia necessaria para cozinhar, comer, trabalhar ou dormir. As diversas transformações, automaticas todas, executam-se com a maior rapidez e facilidade, figurando até objectos de luxo como guaratório do fogão de sala, etc. Quem viajar com uma casa dessas pode installar-se sobre o *Right* para



FIGURA 2

ver levantar o sol e dormir na noite seguinte no meio d'uma floresta a ouvir o trinar dos coturnices. Eis um precioso objecto de viagem que se leva a como uma mala qualquer e custa apenas 1200 francos! Com uma alguma despesa installa-se um motor electrico para obter luz e calor!

FIG. 1 — *Toilette* de viagem em *lurel mélangé beige* com *chemise* e forros de *louisine* branca bordada a seda castanha. *Toque* de palha japonesa com penno de *goat*.

FIG. 2 — Chapéu de viagem e sport em feltro molle branco pospontoado. Azas de rola brancas e cinzantas.

FIG. 3 — *Ten gown* em *mousseline des Indes* bordada com guarnições de rendas e fitas de seda *broché* de diversas cores e fios d'ouro. Foltio *Empire* com *draperie* do sedo do lado esquerdo.



FIGURA 3